Minha história com Tuffani

Conheci Mauricio Tuffani em 2000, quando ambos fomos convidados para trabalhar na revista Galileu. Eu como diretora e ele como redator-chefe. Na verdade, o cargo não importava, pois formávamos um time. Um time que comungava dos mesmos princípios, mas ele a anos-luz de conhecimento na minha frente. Como disse Giovana Girardi, no seu depoimento na Folha de S. Paulo, Tuffani era uma enciclopédia ambulante - "seu conhecimento ia da matemática à filosofia, da legislação ambiental ao xadrez e ao aikidô, que ele praticou na juventude". Esse conhecimento, ele colocava a serviço do jornalismo científico desde quando essa expressão - jornalismo científico - era uma novidade.

Como jornalista, Tuffani dispôs do seu conhecimento sobre legislação ambiental, adquirido quando trabalhou como assessor parlamentar na Câmara, colaborando na redação do capítulo de meio ambiente da Constituição Federal (1987-1988) e nos muitos anos de batalha que se seguiram até o seu blog Direto da Ciência, uma referência nessas questões. Seu conhecimento enciclopédico fazia com que ele não fosse enganado pelos meandros da lei e tergiversações tão comuns nessa área. Ficou conhecida a reportagem que escreveu para a Folha de São Paulo em 7 de maio de 1989 sobre a maquiagem de dados sobre o desmatamento na Amazônia durante o governo José Sarney (Governo maquiou dados sobre a Amazônia).

Como sempre fazia, Tuffani não se contentava com as declarações oficiais de um lado e de outro. Ele ia atrás das fontes originais e, no caso dos dados sobre o desmatamento, foi pioneiro no uso de imagens de satélite para saber quais os números reais. Tuffani recusava a ideia de que os jornalistas seriam meros tradutores de conteúdos cifrados e, desse modo, promotores de interesses dos quais às vezes nem se dão conta. Para ele, era preciso prestar atenção e denunciar fatos, principalmente quando as controvérsias e aspectos políticos e sociais permeavam a construção da ciência. Saí da revista Galileu em 2002 e Tuffani continuou mais algum tempo como diretor. Fui buscar entre seus editoriais aquele que poderia demonstrar melhor o pensamento desse meu amigo querido. Em julho daquele ano, Tuffani escreveu "A fé no jornalismo", referindo-se a uma matéria sobre a ascensão das igrejas evangélicas no Brasil. Lá, ele frisava que o tema demonstrava o seu empenho na independência do pensamento em relação ao poder e às instituições. No final, escreveu: "Essa independência não implica desrespeito nem partidarismo - nosso trabalho é o jornalismo - uma atividade que exige espírito crítico, mas também impõe uma abordagem pluralista. No caso de nossa revista (...), a fé está também no jornalismo."